



O prédio onde funcionou o colégio e a capela do Carmo voltou às mãos do arcebispo de Vitória em 1900 e sofreu algumas reformas

Reaberta a capela do Carmo, construção do século XVII

*Ela está situada numa das mais antigas
construções do centro da cidade e, agora, sob a
jurisdição da Catedral de Vitória*

Dia 1º de maio, a Capela do Colégio do Carmo, uma das raras construções do século XVII ainda existentes no centro da cidade e cuja preservação desde 1900 se deve às Irmãs Vicentinas, voltou a funcionar.

A história dessa Capela se confunde com a do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e, de certa forma, com a própria evolução da Igreja Católica. Suas origens não são bem conhecidas e o único registro diz que o Convento do Carmo foi fundado antes de 1682, quando era vigário o frei Agostinho de Jesus. Na reforma da capela, feita no início desse século, existia junto à cruz uma data: 1650. Isto levou alguns historiadores a concluir que a capela foi construída antes do convento.

Em 1855, os noviçados brasileiros foram fechados por ordem do ministro da Justiça e o Carmo de Vitória foi desativado, ficando reduzido somente a um padre que, residindo numa fazenda todo o tempo, fez diminuir muito as atividades religiosas da capela. O convento estava prestes a desabar. Com dificuldades para recuperar o prédio, a Igreja o passou às mãos do governo em 1858, quando foi aproveitado como alojamento da Companhia da Guarnição, até a sua transferência definitiva para Piratininga. Reclamado em 1897 pelos religiosos, o convento foi devolvido totalmente inabitável, depois que a cavallhada da Polícia foi abrigada em seus pátios. Nesse mesmo ano foi ali instalada a residência do bispo da Diocese e, apesar das precárias condições em que se encontrava o prédio, foi fundado um estabelecimento de ensino — o Ateneu Diocesano — com 19 alunos, transferidos no ano seguinte para o

recebiam instrução e uma preparação profissional, adquirida através do domínio de técnicas artesanais. Muitas dessas meninas se distinguiam e prosseguiram os estudos até o Curso Normal. De cinco em cinco anos a direção da escola era substituída por freiras vindas de outras lugares. Com a chegada do novo arcebispo Dom João Batista, vieram para o Carmo três freiras que seguiam a nova linha de pensamento da Igreja e que introduziram modificações profundas nos hábitos do colégio, conta dona Zita. Segundo ela, as freiras acabaram por "seduzir as antigas que ali viviam para a idéia de seu fechamento, sob a alegação de que o ensino do Carmo era voltado apenas para a burguesia, em profundo desacordo com os princípios da Igreja". As verbas federais foram dispensadas, e "com grande surpresa", dona Zita e as outras damas receberam a notícia do fechamento do colégio. Foi reservado um pequeno salão onde elas puderam prosseguir seu trabalho assistencial.

Com a Capela fechada, as Vicentinas venderam a particulares ou levaram para outras instituições da Irmandade muitos de seus objetos, tais como púlpito, castiçais, lâmpadas, grades, roupas de altar etc. A Arquidiocese recebeu seu antigo prédio, que passou a pertencer à jurisdição da Catedral de Vitória e, a pedido do ex-arcebispo Dom João, uma parte do prédio foi entregue ao Estado com o compromisso dele manter permanentemente no local uma escola primária pública. Até hoje ali funciona a escola Dom João Baptista Nery, que atende a um número considerável de crianças que necessitam de escola gratuita.

Santuário da Penha.

Ainda lembrando a "caserna infecta", como diz a historiadora Maria Stella de Novaes, em 1900 o prédio foi entregue à Irmandade São Vicente de Paulo para ali fundar o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, destinado a cuidar da educação das tradicionais famílias capixabas. Na data de sua fundação estavam matriculados nove alunas internas, 63 externas e 23 meninos, passando logo depois o colégio por profunda reforma e ampliação. Esses trabalhos foram entregues ao então jovem arquiteto André Carloni (também construtor do teatro Carlos Gomes), que acrescentou mais um andar ao prédio e uma grande varanda interna. A capela esperou mais três anos para ser reformada. Logo após o término, das obras ela recebeu os despojos de seu protetor, o bispo Don Fernando, que foi enterrado aos pés do seu altar-mor.

Durante aproximadamente 70 anos, o Colégio do Carmo foi um dos mais tradicionais estabelecimentos de ensino da cidade, oferecendo, de certa época para cá, formação até o nível normal. Além das atividades curriculares, o colégio proporcionava também às suas alunas aulas especiais de desenho e pintura. Para o Colégio do Carmo, como era conhecido, afluíam moças de todos os municípios e que lá permaneciam em regime de internato.

Dona Zita de Novaes Azevedo é uma das antigas alunas do colégio. Ela participou muito da vida do estabelecimento, onde ingressou com apenas nove anos de idade e onde ainda se mantém como "dama de Caridade", passando pelas atribuições de professora de religião e auxiliar das aulas de pintura ministradas pela Irmã Tereza, sua tia. Dona Zita recorda com muita saudade da época do apogeu do Colégio do Carmo, sob a orientação das Irmãs Vicentinas.

"Além das alunas que pagavam, o Carmo abrigava cem alunas pobres que eram dispensadas da mensalidade e também um orfanato, no qual as crianças

Parte do prédio foi alugado ao Curso Nacional, e na parte restante, cuja entrada se faz pela rua Coronel Monjardim, está estabelecida a Casa da Irmã Emília, entidade que se propõe a dar assistência à gestante carente. Além das damas de Caridade, esse trabalho conta com a colaboração de três irmãs Milicianas, que também ficam encarregadas da manutenção da capela.

Para o pároco da Catedral, padre Ayrola, atualmente responsável pelo prédio do Carmo, é "injusta a acusação de que o ex-arcebispo Dom João tenha tido participação no processo de fechamento do colégio."

— As irmãs enfrentavam uma crise de elementos que pudessem continuar aquela obra educacional. Por falta de novas irmãs era impossível a renovação de seu corpo de professores e dirigentes, já cansados e desatualizados. O fechamento do colégio foi a única solução para o problema.

Padre Ayrola acredita que "faltou à diretora a coragem de expor com clareza o problema da Irmandade, preferindo insinuar que a determinação de fechamento estava ligada ao novo pensamento da Igreja, que iniciava uma fase de maior atenção à população carente". Ele lembra que as Vicentinas continuaram mantendo vários colégios, como o São José, em Vila Velha e vários outros espalhados pelo Brasil afora e que também eram voltados para alunas "tão abastadas quanto as do Colégio do Carmo".

Fechada todos esses anos, o teto da capela ameaçou ruir. Após as obras de recuperação, ela foi reaberta na data em que se comemorava 84 anos da Fundação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. "Foi uma feliz coincidência, diz o padre Ayrola, que reuniu muitas ex-alunas para comemorar o acontecimento.

Atualmente a capela permanece aberta de 6h30m às 8 horas, de 18 às 19h30m, horário que possibilita a frequência dos alunos dos dois turnos do Colégio Nacional.